



USO DA TECNOLOGIA NA ESCOLA: APRENDIZAGEM E PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

TECHNOLOGY IN SCHOOL USE: LEARNING AND PRODUCTION SUBJECTIVITY

Maria das Graças Souza Silva Seibert – Pedagogia (UESB); Especializações: Leitura, Escrita e Sociedade (UESB); Educação a Distância (UNEB); Gestão Escola (UFBA) e Psicopedagogia Institucional (F.MONTENEGRO) - gracaseibert@hotmail.com.

RESUMO

A revolução virtual emergiu rapidamente e uma corrida desenfreada pela busca do novo foi deflagrada. Conflitos e seduções são a tônica da atualidade e as identidades passam a ser pulverizadas e construídas a partir dos ditames do mercado. Os recursos tecnológicos passaram a fazer parte do cotidiano da escola e as práticas educativas estão sendo dinamizadas com o suporte da tecnologia. Contudo, apesar das mudanças ocorridas, poucas inovações são evidenciadas no que tange às metodologias utilizadas pelos educadores. Os conteúdos continuam sendo repassados nas salas de aula e as relações de poder continuam permeando as ações educativas desenvolvidas nas instituições de ensino. Esse artigo apresenta breves definições acerca da escola, tecnologia e aprendizagem e algumas abordagens sobre a produção da subjetividade na escola. Na finalização traz algumas considerações acerca dos resultados da pesquisa de campo realizada com uma amostragem de oito alunos e quatro docentes do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, objetivando analisar as perspectivas das práticas educativas com o uso da tecnologia, tendo em vista a produção da subjetividade. Durante os estudos e análises empreendidas constatou-se que a utilização dos recursos tecnológicos nas práticas educativas não está propulsionando mudanças nos velhos paradigmas de ensino e aprendizagem, caracterizados pela transmissão e recepção e por esse motivo, as perspectivas direcionadas para uma aprendizagem criativa, intersubjetiva e dialógica ainda são insípidas.

Palavras-chave: Escola, tecnologia, aprendizagem, subjetividade.

Abstract:

The virtual revolution has rapidly emerged and an unbridled race for the new search was triggered. Conflicts and seductions are the keynote of today and identities become pulverized and built from the market dictates. Technological resources have become part of everyday school and educational practices are being streamlined with the support of technology. However, in spite of changes, few innovations are evident with respect to the methodologies used by educators. The contents are still being passed on in classrooms and power relations continue permeating educational activities developed in educational institutions. This article presents brief definitions about school, technology and learning and some approaches to the production of subjectivity in school. In conclusion brings some considerations about the field survey results conducted with an eight students sampling and four teachers of the 8th Elementary School of the Year of a public school, aiming to analyze the prospects of educational practices with the use of technology with a view the production of subjectivity. During the studies and undertaken analysis it was





found that the use of technological resources in educational practices is not propelling changes in the old educational paradigms and learning, characterized by transmission and reception and therefore, the prospects directed to a creative learning, inter-subjective and dialogic are still insipid.

Keywords: School, technology, learning, subjectivity.

1. Introdução

O advento das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) descortinou um novo tempo também no cenário educativo. A internet invadiu os espaços escolares e passou a fazer parte do cotidiano de alunos e professores. Novas formas de pensar, agir e comunicar-se começaram a ser vivenciadas nas salas de aula, sob a mediação de tecnologias múltiplas e cada vez mais sofisticadas, propulsionando uma diversidade de aprendizados e uma troca incessante de experiências.

O retroprojetor foi substituído pelo projetor de slides que aliado ao computador oportuniza o acesso às informações em tempo real. Dessa forma, o ato de ensinar e aprender torna-se mais dinâmico e interativo e a escola insere-se como instituição coparticipava no processo de globalização instaurado na contemporaneidade. Diante dessa realidade surge o questionamento: Quais as perspectivas das práticas educativas desenvolvidas com a utilização dos recursos tecnológicos, tendo em vista a construção da subjetividade?

Apesar das mudanças ocorridas no que diz respeito à inserção da tecnologia na sala de aula, poucas inovações são evidenciadas no que tange às metodologias utilizadas pelos educadores. As instituições de ensino não conseguem acompanhar o ritmo acelerado das inovações tecnológicas. “Entraves existentes na escola, tanto de ordem interna quanto externa, que impedem a efetivação dessa nova prática no processo educativo”. (SANTOS, 2005, p. 1). Os dispositivos móveis cada vez mais acessíveis são permeados por atributos técnicos que possibilitam aos alunos o contato com as informações cotidianamente mesmo fora do espaço escolar. Esse contexto vem gerando preocupações por parte dos educadores e suscitando pesquisas no sentido de romper com as barreiras entre a escola e essa realidade emergente. Daí o interesse por estudos com o objetivo de analisar as perspectivas das práticas educativas com o uso da tecnologia, tendo em vista a produção da subjetividade.

De acordo com Santos:

Considerando que o avanço técnico no que se refere às mídias, à disseminação social das redes telemáticas e rede mundial de computadores representam uma realidade que se impõe na sociedade e na escola, exigindo que a última integre no processo educacional as novas tecnologias. (2005, p. 1).

A revolução virtual emergiu rapidamente e uma corrida desenfreada pela busca do novo foi deflagrada. Conflitos e seduções são a tônica da atualidade e as identidades passam a ser pulverizadas e construídas a partir dos ditames do mercado. Novas subjetividades são criadas diante do bombardeio de informações impostas e com a intensificação das misturas,





a imagem do eu vai perdendo o referencial, inclusive no espaço escolar. Sendo assim, torna-se relevante o desenvolvimento de estudos que possam contribuir no aprimoramento das metodologias aplicadas com o uso de recurso tecnológico, na mobilização das potencialidades e, por conseguinte, na construção de uma aprendizagem intersubjetiva e dialógica no espaço escolar.

Maciel enfatiza:

[...] a possibilidade de se afirmar a função criativa da Escola deve-se à possibilidade de superação das teorias que a viam como meramente reprodutora de valores dominantes. Ao contrário disto, o espaço educacional pode ser visto como mobilizador de nossas potencialidades de vida, na qual se criam novos sentidos para as práticas pedagógicas, o que nos faz sair da posição de apatia tão característica de nossa narcísica sociedade contemporânea. (2004, p. 4).

Visando atingir os objetivos propostos, fez-se necessário ir a campo para verificar a metodologia utilizada pelos educadores nas práticas educativas sob a mediação dos recursos tecnológicos, como se desenvolvia a relação professor/aluno e como construíam suas estratégias de aprendizagem e produção da subjetividade. Posteriormente, fez-se análise dos dados obtidos, comparando-os com as abordagens teóricas exploradas e selecionadas, para finalmente, produzir esse trabalho que traz primeiramente, breves definições acerca da escola, tecnologia e aprendizagem, algumas abordagens sobre a produção da subjetividade na escola e, na finalização apresenta as considerações finais, tomando por base os resultados da pesquisa de campo realizada com uma amostragem constituída por oito alunos e quatro docentes do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal.

2. ESCOLA, TECNOLOGIA E APRENDIZAGEM

Ao longo dos anos da sua história, a escola é conceituada como local destinado ao ensino coletivo. Nas instituições de ensino professores e alunos se encontram em períodos pré-estabelecidos para exercitarem o ensino e a aprendizagem. Os recursos e as metodologias utilizadas para tal fim variam de acordo com o contexto histórico da época e a realidade vivenciada na localidade onde a escola esta inserida.

A difusão do rádio e posteriormente da linguagem audiovisual, mais especificamente do cinema e da TV, propiciaram a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas práticas educativas. Diferentes e modernas tecnologias passaram a fazer parte do dia a dia de alunos e professores com o surgimento da internet e a convergência de tecnologias diferentes num mesmo suporte. Algumas iniciativas começaram a ser difundidas nos sistemas educacionais, visando propiciar o desenvolvimento de aulas mediadas pela tecnologia. Surge a Educação online e novos rumos começam a se delinear no cenário educacional da atualidade.

O conceito de tecnologia abrange todos meios, apoios e ferramentas usadas para desenvolver a aprendizagem do aluno, contudo, referindo-se à tecnologia relacionada à





educação costuma-se imediatamente pensar em reprodutores de slides, computadores, vídeos, softwares e internet, pois sem dúvida são os mais utilizados pelos docentes.

O celular, computador, projetor de slides, DVD ou TV via satélite, passam a fazer parte do cotidiano escolar, porém, as metodologias aplicadas pelos educadores estão distanciadas dos reais interesses dos alunos. Os velhos paradigmas continuam a permear as práticas educativas desenvolvidas em sala de aula e, nessa perspectiva, os recursos tecnológicos não são utilizados como instrumentos facilitadores e diversificadores do processo de ensino e aprendizagem e sim como acessórios modernos para ilustrar a aula.

Como explicita Santos:

[...] Tomando como ponto de partida os fatores internos e externos que diretamente constituem-se desafios, para que as novas tecnologias sejam efetivadas na prática educativa, temos que dar especial atenção aos sujeitos principais deste processo. O que implica pensar em uma nova concepção de educação de ensino e de aprendizagem. Isto significa assumir uma formação de professores que supere o modelo tradicional. (2005, p. 4).

Por esse ângulo, a sala de aula passa a ter uma dinâmica diferenciada, pois o aluno não é mais aquele cidadão pacato e acomodado, disposto a assumir como verdade absoluta os ensinamentos transmitidos pelo mestre. Nesse contexto, a aprendizagem é construída através da interação. Discorrendo sobre a interatividade e suas imbricações na educação, Silva (2002) reflete sobre o papel do emissor e do receptor, que em tempos de interatividade, inclusive a mediada pela internet, perde a linearidade e a barreira que os limita.

Sobre a necessidade de adaptação da educação para o mundo interativo ao qual estamos inseridos Silva enfatiza:

[...] o essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. Mais do que nunca o professor está desafiado a modificar sua comunicação em sala de aula e na educação. Isso significa modificar sua autoria enquanto docente e inventar um novo modelo de educação. (2001, p. 15).

A urgência dos professores buscarem formas de aperfeiçoamento das suas práticas pedagógicas introduzindo esses recursos no desenvolvimento das suas aulas de forma segura e proveitosa é apontada por muitos estudiosos que consideram imprescindíveis a promoção das transformações necessárias para que essas ferramentas tecnológicas de fato auxiliem no desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

De acordo com Moran:

[...] Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os muitos procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemáticas. (2000, p. 32).

Partindo do pressuposto de que a tecnologia é uma construção social e dialética e não um artefato técnico, não pode ser utilizada apenas como um mero acessório. Os





recursos tecnológicos podem se constituir em objetos de conhecimentos, se usados como ferramentas dinamizadoras, facilitadoras e enriquecedoras da aprendizagem. Infelizmente, o uso das tecnologias na sala de aula ainda se distancia do objetivo de criar novos desafios didáticos, pois frequentemente são utilizadas pelos professores para ilustração dos conteúdos curriculares. Por isso, o grande desafio da educação contemporânea implica em mudanças no sentido de pensar novas concepções de educação, ensino e aprendizagem, tomando como ponto de partida os fatores internos e externos à sala de aula.

Segundo Moran:

Ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. As tecnologias começam a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. (2004, p. 4).

A tríade educação, tecnologia e aprendizagem fazem parte do processo formativo do indivíduo na escola da contemporaneidade e, estão associados aos paradigmas emergentes. Sendo assim, o uso dos recursos tecnológicos além de proporcionar aos alunos aulas mais dinâmicas e interativas, motiva-os a fazerem novas descobertas rumo à construção da aprendizagem. Por esse ângulo, a cultura escolar centrada na educação bancária explicitada por Freire (2006) poderá se transformar numa prática dialógica e problematizadora, mediada pela tecnologia. Porém, para que isso aconteça é fundamental instituir-se parâmetros de como usar os recursos tecnológicos de modo que favoreçam a inovação e a melhoria das práticas educativas, como também à produção das intersubjetividades, superando dessa forma a reprodução.

3. PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA ESCOLA

No contexto de mudanças aceleradas vivenciadas na sociedade contemporânea, a identidade individual do ser é permeada pelo seu movimento de ação e interação social. Assim, entende-se o processo subjetivo como parcela da individualidade humana que também se concretiza no espaço escolar.

Nos últimos anos, o quadro negro e quadro de giz foram inovados com a introdução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos espaços escolares. As aulas expositivas podem ser hoje ministradas com o auxílio didático de slides e vídeos. Com a emergência da tecnologia e, por conseguinte, da universalização da informação, a produção do conhecimento e da subjetividade na escola vem passando por inúmeras transformações.

A aprendizagem é permeada pela individualidade de cada sujeito e pelas culturas que mostram as desigualdades sociais. Assim, educar não significa apenas reproduzir o eu no outro, mas também produzir a subjetividade.

Prata esclarece:

[...] Dito em outras palavras, a suposição é que a subjetividade hoje se produz diferentemente do que se produziu, por exemplo, no início do século XX. De modo não





casual, a instituição escolar fez e faz parte dessa produção, uma vez que, se por um lado ela é um lugar fundamental na constituição da subjetividade, por outro ela também está inserida num amplo contexto. Nesse sentido, a engrenagem da escola é atravessada e marcada pela configuração social, mas também tem o papel de definir o sujeito, seja por meio das relações de poder entre professores e alunos, seja na forma pela qual concebe a aprendizagem e transmite o saber. (2005, p. 108).

A subjetividade de cada indivíduo se constrói através da interação do eu particular com o sujeito social, gerado na relação com o meio. Assim, cada pessoa possui singularidade própria, distinta de qualquer outra. A noção de subjetivação enriquece a ideia de produção da subjetividade. Tal noção vem precedida dos vocábulos, formas, modos e processos. Isso quer dizer que ela é um processo contínuo e, portanto, inacabado. Por isso Prata (2005, p. 108) diz que ao “falar em produção da subjetividade significa dizer que esta última não é entendida como origem, mas como um processo, de acordo com a configuração sócio-histórica em que se situa”.

Levando em consideração o funcionamento da escola pode-se observar que suas atividades são permeadas pelas configurações sociais, contudo, tem a função de definir o sujeito através das relações de poder estabelecidas no âmbito escolar, como também na forma de conceber e transmitir os conhecimentos. Na abordagem sobre as relações de poder na organização escolar, Guiraud (2008, P. 11) afirma que “no interior da organização escolar o indivíduo ganha voz e lugar por meio de individualidades que se chocam ou se harmonizam caoticamente numa nova lógica de disputas e acordos nos campos sociais, político e cultural”.

Sobre a forma da organização escolar, Guiraud defende que:

[...] esta organização que traz historicamente em seu bojo um conjunto de valores identitários representativos da relação de forças, de relações de poder, de subjetividades, requer uma nova forma de se pensar enquanto instituição social. A própria ideia de subjetividade já pressupõe as relações de poder, pois o sujeito só se reconhece a si mesmo na apreensão fenomenológica da existência de um outro [...]. (2008, P. 11).

Na abordagem da subjetividade, Foucault (1997) analisou por um lado as práticas relacionadas aos discursos e saberes e por outro as instituições e os poderes para definir a premissa de que o indivíduo é sujeito e objetivado, portanto, não é um ser constituinte e sim constituído. Daí a afirmativa de que o saber e o poder são dependentes. Assim, na sociedade disciplinar os sujeitos são “vigiados e punidos” a fim de tornarem-se dóceis e passíveis, ou seja, “seres governáveis”. Isso significa que no decorrer da história, os seres são capturados e aprisionados em sistemas autoritários, primeiro na família, depois na escola, no trabalho e em muitos outros.

Nos espaços escolares evidencia-se o confronto entre docentes e discentes, o que de certa forma provoca mal estar e desconforto. Nessa medida, a sala de aula passa por momentos de construção e desconstrução onde se reproduz valores hegemônicos da sociedade, mas também os transformam. Esses impactos propulsionam o surgimento de novas subjetividades.





4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia pode ser considerada na atualidade, como um instrumento de produção da subjetividade humana. Aliada à educação pode promover a cidadania, uma vez que estimula os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem a desenvolverem habilidades de discussão, negociação, intervenção e a capacidade de fazer escolhas conscientes no que diz respeito ao bem estar coletivo, tendo em vista a construção da sociedade democrática, onde predominam justiça e igualdade.

Ressalta-se que a superação das teorias fundamentadas na reprodução dos valores dominantes é fator essencial para a contemplação da função criativa da escola. No entanto, apesar da inserção da tecnologia nas salas de aula não se observa avanços significativos no que tange às metodologias aplicadas. Os conteúdos continuam sendo repassados para os alunos, só que agora, com o suporte didático do notebook e data show.

Ao ser indagado sobre a importância do uso da tecnologia na aula, o professor de Ciências afirmou que a utilização dos recursos tecnológicos “torna suas aulas mais dinâmicas, uma vez que possibilita a visualização do conteúdo com imagens atraentes, o que favorece na disciplinarização dos alunos e, conseqüentemente, no desenvolvimento da aprendizagem”. A professora de história relatou usar a tecnologia para “mostrar detalhes do conteúdo não encontrado no livro didático e trazer novidades como clips e vídeos para enriquecer as aulas e prender a atenção dos alunos”.

Esses relatos ratificam o pensamento de Santos de que:

“[...] a escola não tem cumprido com esta tão importante e indispensável função, dificultando, assim, a efetivação e utilização das novas tecnologias de informação e comunicação numa perspectiva reflexiva e crítica, visto que é necessário desmistificar a sua utilização, no sentido de saber lidar com a informação e não apenas consumi-la”. (2005, p.2).

Apesar de ilustrarem as aulas com recursos modernos esses docentes não conseguiram criar novos sentidos para suas práticas pedagógicas e não mobilizaram potencialidades capazes de retirar os alunos da posição de sujeitados. Sobre esse contexto, Santos (2005, p.2) explicita que “a escola necessita redimensionar a sua prática, enquanto local de produção do saber científico e tecnológico, haja vista o seu papel na preparação do cidadão para atender às novas exigências do mundo do trabalho”. Durante as observações e entrevistas observou-se que os professores mostravam dinamismo na apresentação dos conteúdos, porém verificou-se muito pouca interação entre os sujeitos (alunos e professores).

Acerca da interatividade na sala de aula Silva enfatiza:

“[...] Muitos educadores já perceberam que a educação autêntica não se faz sem a participação genuína do aluno, que a educação não se faz transmitindo conteúdos de A para B ou de A sobre B, mas na interação de A com B. No entanto, esta premissa ainda não mobilizou o professor diante da urgência de modificar o modelo comunicacional baseado no falar-ditar do mestre que se mantém inarredável na era digital. (2001. P. 3).





A crença ingênua de que a mera utilização da tecnologia, especificamente, da informática, aperfeiçoa o ensino-aprendizagem cai por terra diante de estudos que comprovam a ineficiência da maioria dos profissionais da educação na execução de metodologias que efetivamente propiciem inovações. Cinco dos oito alunos entrevistados confessaram fascínio pela tecnologia e consideram que “os professores não demonstram muita habilidade para lidar com os computadores”. Sugeriram maior interação entre professores e alunos durante as aulas. Dois alunos complementaram que apesar de possuírem mais habilidade para manusear os equipamentos precisam que o professor os oriente, pois são muitas as informações e eles não sabem lidar com isso. Esses relatos confirmam a ideia de que se faz necessária a implementação de políticas públicas que possam garantir não apenas a apropriação das novas ferramentas tecnológicas, mas também a utilização das mesmas na perspectiva da construção de aprendizados significativos, produção das subjetividades e, por conseguinte, na transformação da sociedade.

Abordando sobre a utilização da informática no trabalho docente Moran explicita:

[...] o professor que trabalha na educação com a informática há que desenvolver na relação aluno-computador uma mediação pedagógica que se explicita em atitudes que intervenham para promover o pensamento do aluno, implementar seus projetos, compartilhar problemas sem apresentar soluções, ajudando assim o aprendiz a entender, analisar, testar e corrigir erros. (2000, p. 171).

Sobre o fato da maioria dos educadores não dominarem o manuseio dos equipamentos tecnológicos e os alunos demonstrarem maior habilidade, Mello esclarece:

[...] o despreparo da escola e, sobretudo do professor se dá em razão da falta de domínio dos objetos sociais do conhecimento que constituem o conteúdo do ensino e das formas de transposição didática desse conteúdo. Ao destacar a debilidade da formação conteudista e didática do professor essa abordagem distingue-se daquelas que explicam a defasagem do ensino diante das novas tecnologias, pela ausência de conhecimento, familiaridade e domínio das próprias tecnologias. Para essas abordagens, a solução seria treinar o professor no uso das tecnologias. (2000, p. 3).

O processo investigativo desse trabalho propiciou a análise acerca das estratégias de ensino aplicadas pelos professores com o uso da informática. Sobre esse aspecto observou-se que o repasse dos conteúdos continua sendo o objetivo central da aula o que mudou foi a postura tradicionalista do expositor, no caso o professor. Com o auxílio dos slides e vídeos economiza saliva, porém não amplia a visão dos alunos. Daí concluir-se que urge a necessidade da resignificação do papel do educador frente à nova realidade comunicacional, onde se torna incabível a reprodução dos saberes.

Levando-se em consideração que a subjetividade de cada ser está alinhada com a concepção de sujeito social, a escola precisa efetivar procedimentos pedagógicos voltados para a valorização das vivências individuais como também das diversidades. Os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem expressam no convívio escolar, a





subjetividade dos espaços sociais em que vivem e constroem novas subjetividades a partir dos relacionamentos estabelecidos.

A partir da observação de que a utilização dos recursos tecnológicos nas práticas educativas não está propulsionando mudanças nos velhos paradigmas de ensino, caracterizados pela transmissão e recepção, constata-se que por esse motivo, as perspectivas direcionadas para uma aprendizagem criativa, intersubjetiva e dialógica ainda são inspidas. Diante dessa constatação e a guisa de conclusão desse trabalho, ressalta-se a convicção de Maciel (2004, p. 8) de que: “a escola pode ser um espaço que, ao contrário, contribua para a construção de subjetividades criativas. Isto se privilegiarmos a intersubjetividade – não instrumental, mas no âmbito da qual haja reconhecimento mútuo”. Assim, pode-se vislumbrar uma escola capaz de promover práticas propícias à construção de sujeitos mais ativos, interativos e transformadores.

5 REFERENCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à pratica educativa. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1996.

GUIRAUD, Luciene . **As relações de poder na organização escolar: um estudo sobre a construção da subjetividade**. In: PARANÁ; Secretaria de Estado da Educação; Superintendência de Educação. (Org.). O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR, 2011, v. 1.

MACIEL, Maria Regina. **A questão da intersubjetividade no espaço escolar e os processos de subjetivação contemporâneos**. Disponível em:

<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/135>

Acesso em 20/08/2015.

MELLO, Guiomar Namó de. **Impacto e uso da tecnologia na educação escolar**. Janeiro de 2001. Disponível em:

www.namodemello.com.br/pdf/escritos/oficio/tecnologiaforpro.pdf

Acesso em 22/08/2015.

MORAN, José Manoel. MASETTO, T. Marcos. BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas SP, Papirus 2000. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=i7uhwQM_PyEC&pg=PA32&lpg=PA32&dq=Cada+d+o+cente+pode+encontrar+sua+forma+mais+adequada+de+integrar+as+v%C3%A1rias+tecnologias+e+os+muitos+procedimentos+metodol%C3%B3gicos.+Mas+tamb%C3%A9m+%C3%A9+importante+que+amplie,+que+aprenda+a+dominar+as+formas+de+comunica%C3%A7%C3%A3o+interpessoal/grupal+e+as+de+comunica%C3%A7%C3%A3o+audiovisual/telem%C3%A1ticas.&source=bl&ots=hNYxblcaqg&sig=P3gU_k7AFQXwPTPXk17jtMM6Eb4&hl=pt

=





[BR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=Cada%20docente%20pode%20encontrar%20sua%20forma%20mais%20adequada%20de%20integrar%20as%20v%C3%A1rias%20tecnologias%20e%20os%20muitos%20procedimentos%20metodol%C3%B3gicos.%20Mas%20tamb%C3%A9m%20%C3%A9%20importante%20que%20amplie%20que%20aprenda%20a%20do minar%20as%20formas%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20interpessoal%20fgrupal%20e%20as%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20audiovisual%20ftele%C3%A1ticas.&f=false](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782006000100005&script=sci_arttext)

Acesso em 22/08/2015.

_____, José Manoel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias.**

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/moranOsnovos.htm>

Acesso em 25/08/2015

PORTO, Tania Maria Esperon. **As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis...** relações construídas. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782006000100005&script=sci_arttext

Acesso em 26/08/2015

PRATA, Maria Regina dos Santos. **A produção da subjetividade e as relações de poder na escola:** uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000100009

Acesso em 25/08/2015

SANTOS, Iracy de Sousa . **As novas tecnologias na educação e seus reflexos na escola e no mundo do trabalho.** Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/Iracy_de_Sousa_Santos.pdf

Acesso em 26/08/2015.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa** – Rio de Janeiro: Quartet, 3ª ed. 2002. 220 p.

_____, Marco. **A educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania.** Disponível em:

<https://pt.scribd.com/doc/131244279/Sala-de-aula-interativa-pdf>

Acesso em 24/08/2015.

